

# MANOEL DE BARROS

Poesia completa



Copyright © 2010, Manoel de Barros

Revisão de textos *Beatriz de Freitas Moreira*  
Capa, projeto gráfico e paginação *Regina Ferraz*  
Imagem de capa © *Martha Barros*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Manoel de, 1916- .  
Poesia completa / Manoel de Barros. – São Paulo :  
Leya, 2010.

ISBN 9788580440003

1. Poesia brasileira I. Título.

10-01326

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:  
1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Av. Angélica, 2163 – Conjunto 175

01227-200 – Santa Cecília – São Paulo – SP – Brasil

[www.leya.com](http://www.leya.com)

## SUMÁRIO

Entrada – Manoel de Barros	7
Poemas concebidos sem pecado [1937]	9
Face imóvel [1942]	33
Poesias [1947]	47
Compêndio para uso dos pássaros [1960]	91
Gramática expositiva do chão [1966]	119
Matéria de poesia [1970]	143
Arranjos para assobio [1980]	167
Livro de pré-coisas [1985]	195
O guardador de águas [1989]	237
Concerto a céu aberto para solos de ave [1991]	269
O livro das ignoranças [1993]	297
Livro sobre nada [1996]	325
Retrato do artista quando coisa [1998]	355
Ensaio fotográficos [2000]	377
Tratado geral das grandezas do ínfimo [2001]	397
Poemas rupestres [2004]	423
Menino do mato [2010]	447
LIVROS INFANTIS	
Exercícios de ser criança [1999]	469
O fazedor de amanhecer [2001]	473
Cantigas por um passarinho à toa [2003]	481
Poeminha em Língua de brincar [2007]	485
Índice remissivo	487



## ENTRADA

Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para a gente pegar nele. Eu conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim: O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim alguns desenhos verbais que fiz para este livro. Acho-os como os *impossíveis verossímeis* de nosso mestre Aristóteles. Dou quatro exemplos: 1) É nos loucos que grassam luarais; 2) Eu queria crescer pra passarinho; 3) Sapo é um pedaço de chão que pula; 4) Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.

Hamilton Da Silva



POEMAS  
CONCEBIDOS  
SEM PECADO



## CABELUDINHO

1.

Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho  
bem diferente de Iracema  
desandando pouquíssima poesia  
o que desculpa a insuficiência do canto  
mas explica a sua vida  
que juro ser o essencial

— Vai desremelar esse olho, menino!  
— Vai cortar esse cabelão, menino!  
Eram os gritos de Nhanhá.

2.

Um dia deu de olho com a menina  
com a menina que ficou reinando  
na sua meninice

Dela sempre trazia novidades:  
— Em seus joelhos pousavam mansos cardeais...  
Está com um leicengo bem na polpa  
quase pedi o carnegão pra isca de rubafo...

Dela sempre trazia novidades:

— A ladeira falou pro caminhão: “pode me descer de motor parado, benzinho...”

Era o pai dela no guidão.

3.

Viva o Porto de Dona Emília Futebol Clube!!!

— Vivooo, vivaaa, urrra!

— Correu de campo dez a zero e num vale de botina!

plong plong, bexiga boa

— Só jogo se o Bolivianinho ficar no quíper

— Tá bem, meu gol é daqui naquela pedra

plong plong, bexiga boa

— Eu só sei que meu pai é chalaneiro

mea mãe é lavadeira

e eu sou beque de avanço do Porto de Dona Emília

o resto não tô somando com qual é que foi o índio

que frechou São Sebastião...

— Ai ai, nem eu

Uma negra chamou o filho e mandou comprar duzentos de anil

— Vou ali e já volto já

Mário-Maria do lado de fora fica dando pontapés

no vento

— Disilimina esse, Cabeludinho!

plong plong, bexiga boa

— Vou no mato passá um taligrama...

4.

Nisso chega um vaqueiro e diz:

— Já se vai-se, Quério? Bueno, entonces seja felizardo lá pelos rios de janeiros...

— Agradece seu Marcão, meu filho

— Que mané agradecer, quero é minha funda vou matando passarinhos pela janela do trem de preferência amassa barro ver se Deus me castiga mesmo

Havia no casarão umas velhas consolando Nanhá que chorava feito uma desmanchada

— Ele há de voltar ajuizado

— Home-de-bem, se Deus quiser

Às quatro o auto baldeou o menino pro cais  
Moleques do barranco assobiavam com todas as cordas da lira

— Té a volta, pessoal, vou pra macumba.

5.

No recreio havia um menino que não brincava com outros meninos

O padre teve um brilho de descobrimento nos olhos

— POETA!

O padre foi até ele:

— Pequeno, por que não brinca com os seus colegas?

— É que estou com uma baita dor de barriga desse feijão bichado.

6.

Carta acróstica:

“Vovó aqui é tristão  
Ou fujo do colégio  
Viro poeta  
Ou mando os padres...”

Nota: Se resolver pela segunda, mande dinheiro para comprar um dicionário de rimas e um tratado de versificação de Olavo Bilac e Guima, o do lenço.

7.

Êta mundão  
moça bonita  
cavalo bão  
este quarto de pensão  
a dona da pensão  
e a filha da dona da pensão  
sem contar a paisagem da janela que é de se entrar de soneto  
e o problema sexual que, me disseram, sem roupa  
alinhada não se resolve.

8.

— Sou uma virtude conjugal,  
adivinha qual é?  
— Um jambo,  
um jardim outonal?

— Não.  
— Uma louca,  
as ruínas de Pompeia?  
— Não.  
— És uma estátua de nuvens,  
o muro das lamentações?  
— Não.  
— Ai, entonces que reino é o teu, *darling*?  
Me conta, te dou fazenda,  
me afundo, deixo o cachimbo.  
Me conta que reino é o teu?  
— Não.  
Mas pode pegar em mim que estou uma Sodoma...

9.

Entrar na Academia já entrei  
mas ninguém me explica por que que essa torneira  
aberta  
neste silêncio de noite  
parece poesia jorrando...  
Sou bugre mesmo  
me explica mesmo  
me ensina modos de gente  
me ensina a acompanhar um enterro de cabeça baixa  
me explica por que que um olhar de piedade  
cravado na condição humana  
não brilha mais que anúncio luminoso?  
Qual, sou bugre mesmo  
só sei pensar na hora ruim  
na hora do azar que espanta até a ave da saudade

Sou bugre mesmo  
me explica mesmo:  
se eu não sei parar o sangue, que que adianta  
não ser imbecil ou borboleta?  
Me explica por que penso naqueles moleques  
como nos peixes  
que deixava escapar do anzol  
com o queixo arrebetado?  
Qual, antes melhor fechar essa torneira, bugre velho...

10.

Pela rua deserta atravessa um bêbado comprido  
e oscilante  
como bambu  
assobiando...

Ao longo das calçadas algumas famílias  
ainda conversam  
velhas passam fumo nos dentes, mexericando...  
Nhanhá está aborrecida com o neto que foi estudar  
no Rio  
e voltou de ateu  
— Se é pra disprender, não precisa mais estudar

Pasta um cavalo solto no fim escuro da rua  
O rio calmo lá embaixo pisca luzes de lanchas  
acordadas  
Nhanhá choraminga:  
— Tá perdido, diz que negro é igual com branco!

11.

A última estrela que havia no céu  
deu pra desaparecer  
o mundo está sem estrela na testa

Foi o vento quem embrulhou minhas palavras  
meteu no umbigo e levou pra namorada?

Eram palavras de protesto idiota!  
Como o vento leva as palavras!

Me lembrar que o único riso solto que encontrei  
era pago!  
É preciso AÇÃO AÇÃO AÇÃO  
Levante desse torpor poético, bugre velho.

Enfim, Cabeludinho, é você mesmo quem está aqui?  
Onde andarão os seus amigos do Porto de Dona Emília?

